

A POLISSEMIA DE *LINHA* DO PROTÓTIPO À PARECENÇA DE FAMÍLIA

Rosinda Rodrigues
Madalena Baptista
Universidade da Madeira

Sabendo-se que o lexema *linha* goza de múltiplos empregos, fazer um estudo em Semântica Lexical sobre esta palavra levanta, de imediato, algumas questões.

Perante exemplos como (1), (2), (3) e (4).

(1) A Ana coseu o casaco com *linha* azul.

(2) Os concorrentes estão todos em *linha*.

(3) A Maria pisou a *linha* contínua e apanhou uma multa.

(4) A tua *linha* da vida é curta.

vamos considerá-la:

1 – uma única palavra com vários significados, portanto um caso de polissemia?

2 – palavras diferentes com a mesma grafia e a mesma forma fonética, i.e., o mesmo significante, numa relação de homonímia?

Sem grandes considerações teóricas, não nos parece tratar-se de homonímia, já que existe apenas uma forma etimológica na origem latina deste lexema: *linea*, segundo o Dicionário Etimológico de José Pedro Machado.

Por outro lado, não podemos deixar de notar a semelhança entre *linha* e *linho*. Há, por certo, relação lexical entre as duas palavras, uma vez que a *linea* primordial foi o fio de linho. O Dicionário da

Porto Editora, 6ª edição, regista-a apenas numa entrada lexical, com trinta e seis acepções diferentes, algumas das quais em áreas vocabulares de desporto, militar, física, geometria e linguagem figurada, mas o seu emprego não causa ambiguidade dado que as combinações sintagmáticas em que participa permitem delimitar facilmente os diversos significados.

Ao aplicarmos a (1), (2) e (3), referidos atrás, alguns dos testes para distinguir os sentidos de uma mesma forma linguística – critérios de ambiguidade – propostos por Pinto de Lima (89:436-439) inspirados em Ross (81) e Cruse (82), verificamos os seguintes resultados:

segundo o **critério da sinonímia**, *linha 1*, *linha 2* e *linha 3* veiculam sentidos diferentes, dado não ser possível fazer comutação indiferenciada dos quase-sinónimos. Apenas um quase-sinónimo corresponde a cada um dos três sentidos de linha, sendo os outros dois sistematicamente excluídos:

(1) A Ana coseu o casaco com *linha* azul

fio

* **traço**

* **fila**

(2) Os concorrentes estão todos em *linha*.

* **fio**

* **traço**

fila

(3) A Maria pisou a *linha* contínua e apanhou uma multa

* **fio**

traço

* **fila**

Segundo o **critério da paronímia**, *linha 1* tem como parónimos **alinhavar** e **alinhavos**, *linha 2* **alinhar** e **alinhados**, **linear** e **linearmente**, como em (1.a) e (2.a):

(1.a) A Ana já alinhavou o casaco.

(2.a) Os concorrentes já estão alinhados.

Dificilmente se poderá aplicar este critério a *linha 3*, pois não nos ocorrem parónimos; contudo os parónimos de *linha 1* e *2* não lhe correspondem seguramente.

Aplicando o critério directo do *zeugma*, pelo processo sintáctico da coordenação a (1) e (5), obtém-se uma sequência mal formada, como se verifica em (6):

(5) A Ana traçou uma *linha* oblíqua

(6) * A Ana coseu o casaco com *linha* azul e com oblíqua

A mesma anomalia se verifica em (7)

(7) * A Maria pisou a *linha* contínua e a do horizonte.

Dado que *linha* é um substantivo, é difícil aplicar outros critérios de ambiguidade, directos ou indirectos, mas aqueles a que recorremos parecem-nos suficientes para decidir que *linha* 1, 2 e 3 instanciam sentidos diferentes.

Esta evidência confirma-se pelo recurso a outro teste de natureza sintáctica. É facilmente verificável que certas ocorrências de *linha* estabelecem relações de compatibilidade exclusiva com alguns itens lexicais e excluem outros. Por exemplo em (8), *linha* é antecedida de uma preposição e seguida de um modificador, de natureza adjectival ou preposicional, que exprime cor ou qualidade da linha e não por qualquer tipo de modificador.

(8) A Ana coseu o casaco com *linha* azul.

de algodão

*** contínua**

*** do horizonte**

Linha pode desempenhar várias funções sintácticas, correspondendo a cada função uma combinação sintagmática e uma distribuição particulares na frase. Assim, *linha* é frequentemente núcleo de um sintagma nominal com função de sujeito – A *linha* férrea, A *linha* de Sintra, A *linha* do comboio, A *linha* do telefone, A *linha* telefónica. Como objecto do verbo, pode ser complemento directo de verbos como *enfiar*, ou *riscar* e combinar-se com *manter* e *perder*, sempre com interpretação semântica diferente:

(9) Enfici a *linha* na agulha

(10) O João riscou uma *linha* horizontal na primeira página do seu caderno.

(11) Eu faço dieta para manter a *linha*.

Pode ocorrer como complemento preposicionado de verbos como pôr-se em linha, *pôr-se na linha*, *andar na linha*, *meter alguém na linha*, *entrar na linha*. *Linha* é também, com frequência, um complemento de natureza instrumental, como nos exemplos (12) e (13):

(12) O vestido foi cosido com *linha* preta.

(13) O pescador remendou as redes com *linha* de pesca.

Toda esta possibilidade de combinações sintagmáticas e de relações sintácticas aponta para uma pluralidade de significados do lexema *linha*.

Tal pluralidade confirma-se ainda pela natureza concreta ou abstracta dos referentes que esta palavra nomeia. De facto, *linha* denota simultaneamente objectos bem concretos, com existência física como *linha de algodão*, *linha de pesca*, *linha de cosméticos* e referentes abstractos, sem existência física, como *linha de pensamento* e *linha de conduta*.

O carácter concreto ou abstracto das diferentes acepções de *linha* confirma-se ainda pela concorrência ou pela incompatibilidade com predicacões de índole sensorial:

(14) * Senti a *linha* grossa com que o médico me coseu a cabeça.

(15) * A *linha* que vai de Lisboa a Madrid é rugosa

Integrando-se no quadro teórico da Semântica do Protótipo, este estudo pretende delimitar as diferentes acepções que a palavra LINHA pode significar e determinar qual das acepções é a mais representativa, i.e., qual constitui o protótipo de LINHA, (entendendo este lexema como a designação de uma categoria), segundo a versão *standard* da teoria para, em seguida, enveredar por uma versão alargada, a abordagem por *parecenças de família*.

Uma abordagem prototípica de linha

A teoria semântica do protótipo fundamenta-se no princípio da categorização e na noção do protótipo.

Taylor (91) afirma justamente que uma das capacidades cognitivas da linguagem é a capacidade de categorizar, isto é, ver semelhança na diversidade. Perguntar-se-á se todos os membros de uma categoria têm de partilhar um conjunto de propriedades categoriais. Contrariando

outras perspectivas teóricas, para a semântica do protótipo, definir uma categoria não implica apenas indicar uma lista de condições necessárias e suficientes ou fazer o inventário e verificação dos traços semânticos que a caracterizam.

Assim, segundo um exemplo clássico, a palavra *ave* representa o conceito do animal que identificamos como ave e define uma categoria que recobre um conjunto de sub-categorias composto por *pardal, águia, faisão, gaivota, melro, galo*, etc. Que critérios permitem decidir que um dado exemplar de *ave* é um bom membro da categoria *ave* e outro não o é? A resposta da semântica do protótipo passa pela concepção das categorias em termos de protótipos.

Desde as primeiras propostas de E. Rosch, protótipo define-se como o melhor exemplar, o melhor representante ou a instância central de uma categoria. Significa isto que os membros de uma categoria não são todos equidistantes. Um membro é eleito como protótipo e todos os outros se definem radialmente como mais próximos ou mais afastados do representante nuclear da categoria.

A noção de protótipo tem simultaneamente uma dimensão psicológica, uma vez que ele é considerado como melhor representante pelos sujeitos falantes, e uma dimensão social porque se pressupõe que o protótipo só é, de facto, o melhor exemplar de uma categoria, desde que seja o membro assim considerado, com mais frequência, por um número elevado de indivíduos. Decorre, daí, que o protótipo é, de certo modo, de natureza *convencional*.

Por outro lado, se toda a categoria se organiza à volta da entidade central prototípica, as várias instâncias que a compõem gozam de uma representatividade diferente, isto é, existe uma relação gradativa que parte das instâncias prototípicas para as instâncias periféricas. Portanto, existem exemplares bons, médios e maus de acordo com o seu grau de representatividade relativamente ao protótipo.

Ora, definir protótipo de forma completa é, como propõe Anna Wierzbicka, fazer uma descrição exaustiva que forneça a lista de todos os traços ou propriedades semânticas que o caracterizam. Enquanto um bom membro da categoria reúne a quase totalidade dessas propriedades, um mau exemplar caracterizar-se-á apenas por um pequeno número. Decorre, deste princípio, que as fronteiras que separam as várias instâncias não são claramente delimitadas. A actividade de categorização qualifica-se, pois por um certo carácter de vaguidade que

permite dizer que uma ave é mais ave que outra, i.e., um pintainho é uma ave menor que um pardal, uma vez que os dois se distinguem pelo menos numa propriedade: a capacidade de voar.

Esta situação de certo modo caricatural, foi resolvida por E. Roch e C. B. Mervis (75), referidos por Kleiber (90), ao adaptar o conceito de *parecença de família* de Wittgenstein à semântica do protótipo. Este filósofo afirma que os vários referentes de uma palavra não têm necessariamente elementos em comum para serem entendidos no funcionamento normal da linguagem. Aquilo que os identifica é mais propriamente uma *parecença de família*, que permite que os membros de uma categoria se liguem por uma ou mais propriedades, mas elimina o princípio fundamental da teoria, segundo o qual todos os membros têm de verificar pelo menos uma propriedade do protótipo.

Uma estrutura de *parecença de família*, apresentar-se-á, portanto, com a seguinte sequência: AB, BC, CD, DE, etc., em que cada membro partilha pelo menos, uma propriedade com outro membro da categoria.

Uma estruturação deste tipo permite a redefinição do protótipo em termos de família. Deste modo, os membros de uma categoria deixam definitivamente de ser reunidos em termos de condições necessárias e suficientes para serem ligados por similaridades que se entrecruzam e recobrem parcialmente. Assim os vários referentes da categoria das aves: o pardal, o pintainho, a avestruz, etc., estão relacionados por propriedades típicas, como *ser capaz de voar*, *ter penas*, *ter asas*, etc., que não se manifestam em todas as sub-categorias mas que estão presentes em dois ou mais membros.

Trabalho experimental

Para realizar este estudo, começámos por constituir um "corpus" de análise que reflectisse a opinião dos falantes da nossa comunidade linguística relativamente a *linha*.

Os informantes, alunos dos 2º e 3º anos da Universidade da Madeira, foram previamente informados dos objectivos da experiência. Foi-lhes proposto a realização de um questionário já testado com outros alunos, solicitando-lhes, primeiramente, a produção de oito frases em que a palavra *linha* ocorresse com significados diferentes e, em seguida, que pontuassem essas ocorrências, da mais central à mais

marginal, atribuindo 1 ponto ao exemplo mais representativo, segundo uma escala de 1 a 8.

Do total de informantes, seleccionámos os trinta que melhor corresponderam às indicações e cujas produções vieram a constituir os dados que classificámos, ordenámos e interpretámos. O tratamento estatístico proporcionou os resultados evidenciados pelo gráfico de barras:

Média do peso de cada sentido



A análise das produções permite-nos fazer uma classificação das acepções de LINHA, ordenada segundo os critérios de frequência e peso atribuídos pelos informantes, do seguinte modo:

- LA – Linha com INSTRUMENTO para linha de costura e linha de pesca;
- LB – Linha como DEMARCAÇÃO para linha da meta, linha do horizonte, linha contínua (=traço contínuo), linhas de caderno;

- LC – Linha como PERCURSO FÍSICO para linha férrea, aérea, marítima e telefónica;
- LD – Linha como NORMA para expressões como "andar na linha", "entrar na linha", "meter alguém na linha" e "pôr alguém na linha";
- LE – Linha como PERCURSO INTELECTUAL para linha de pensamento, de raciocínio e linhas de sentido;
- LG – Linha como PERFIL para realizações como manter/perder a linha, linha moderna, linha aerodinâmica;
- LG – Linha como FORMA para as linhas de um texto mas também para as linhas da mão ou da testa;
- LH – Linha GEOMÉTRICA, para linha recta, curva, quebrada, vertical, horizontal, diagonal, que se combina com verbos como "traçar" e "desenhar";
- LI – Linha como CONJUNTO ORDENADO DE OBJECTOS para linha de carros desportivos, linha de cosmética, mas também linha com significado de fila como a expressão "pôr-se em linha".

Num primeiro momento e de acordo com os critérios de frequência e peso, identificámos como protótipo a acepção LINHA como INSTRUMENTO, relativamente ao qual se situam todos os outros membros da categoria LINHA.

Esta acepção de "linha" pode ser definida através das seguintes propriedades:

- Ser uma sucessão contínua de pontos,
- Ter extensão,
- Ter cor branca ou outra,
- Ser de algodão, linho, seda ou material sintético,
- Poder esticar-se, enrolar-se, cortar-se, etc.

Contudo, perguntar-se-á em que medida estas características constituem propriedades prototípicas, propriedades que permitam definir a categoria LINHA e simultaneamente identificar a *linha instrumental* como o melhor exemplar desta categoria. Pode dizer-se que, nesta lista, não há propriedades acidentais ou inesperadas relativamente a *linha* de costura e *linha* de pesca, no entanto poucas serão essenciais para caracterizar outras instâncias da categoria. Não podemos preten-

der descrever, com os mesmos traços, uma linha de pesca e uma linha de pensamento. E como nos atreveremos a dizer que uma linha de costura é prototípica e todas as outras ocorrências de *linha* são mais ou menos bons exemplares segundo se aproximam ou afastam da *linha de costura*?

A dificuldade de verificação de propriedades parece demonstrar que a *linha instrumento* não será a *linha* prototípica e que a sua identificação como melhor exemplar da categoria, por parte dos informantes, se justifica pelo carácter familiar que inegavelmente possui, devido ao facto de se tratar de um objecto de uso corrente. Contudo, não podemos esquecer que a "linha" etimológica é justamente esta acepção.

Eleger outra acepção de *linha* como melhor representante levantará problemas idênticos, acrescidos ao facto de não ter merecido a escolha da comunidade linguística.

Por outro lado, o processo de apuramento do protótipo falhou ainda noutro aspecto. Efectivamente as produções dos informantes não contemplam todas as acepções de LINHA. É frequente o uso de linha com significado de RAMIFICAÇÃO, como nos exemplos:

(16) * "No partido, temos duas linhas: a dos históricos e a dos reformistas".

(17) * "Os três filhos seguiram linhas diferentes: um dedicou-se à indústria, outro ao comércio e o terceiro às artes".

Como sugerimos anteriormente, parece confirmar-se que a versão inicial da semântica do protótipo não será totalmente adequada para explicar a relação semântica que liga as várias acepções da categoria LINHA, sendo mais apropriado adoptar uma versão alargada da teoria, i.e., a abordagem em termos de **parecências de família**.

Para proceder à categorização segundo a abordagem por parecências de família, abandona-se o princípio da categorização prototípica inicial, de comparação sistemática entre cada membro da categoria e o seu representante nuclear. Será, talvez, mais razoável dizer que há propriedades típicas que caracterizam a categoria LINHA, que se manifestam em determinadas instâncias e não obrigatoriamente em todas, mas que permitem ligar por contiguidade, todos os membros da categoria, produzindo um efeito de generalização semântica em cadeia que se desenvolve em "contínuum". Por conseguinte, em vez de protótipo talvez seja adequado falar em efeito prototípico, como sugere Lakoff

(87), criado por traços/propriedades de parencças de família. A noção de protótipo – melhor exemplar – desliza para protótipo – entidade constituída por traços seleccionados segundo critérios considerados pertinentes para o conjunto da categoria. Estes traços constituem propriedades típicas que se identificam como parencças de família e formam a estrutura interna dessa categoria.

Relativamente à categoria LINHA, este protótipo versão alargada, que, segundo Kleiber 90, é uma entidade abstracta de natureza mental, identifica-se, na nossa proposta, com a LINHA GEOMÉTRICA, uma vez que esta acepção reúne algumas das propriedades típicas que se encontram nos restantes membros da categoria (dir-se-ia a linguagem dos genes a unir os vários elementos de uma família).

Efectivamente, "linha geométrica" define-se no Dicionário da Porto Editora como "uma figura geométrica gerada por um ponto que se desloca no espaço". Assim, podemos dizer que se trata de uma abstracção definida como uma sucessão de pontos dispostos de forma contínua. Caracteriza-se por ausência de volume, mas o facto de significar uma sucessão de pontos no espaço atribui-lhe a extensão como marca de tipicidade.

Todos os membros da categoria podem ser definidos como uma sucessão contínua de pontos dotada de uma determinada extensão. A própria categoria se define por uma extensão que se vai desenvolvendo em cadeia. Deste modo, sugerimos que a estruturação da categoria, pode ser representada pelo esquema (18) em que cada sub-categoria ocupa uma dada ordem, por contiguidade de propriedades, relativamente às outras, não se verificando convergência para nenhum membro protótipo.

(18)



Cada membro da categoria pode ser assim definido:

- LA – A LINHA como INSTRUMENTO é um objecto filiforme, concreto, formado por uma sequência contínua de pontos, que está na origem da linha geométrica a quem transmite as mesmas propriedades.
- LH – A LINHA GEOMÉTRICA é uma figura geométrica gerada por um ponto que se desloca no espaço. Esta acepção é a realização típica da metáfora espacial na medida em que constitui uma abstracção, de imediata percepção por qualquer falante.
- LC – A LINHA como PERCURSO FÍSICO é uma sequência de pontos concretizada numa dada extensão linear contínua com superfície.
- LB – A LINHA como DEMARCAÇÃO é uma sequência de pontos que marcam determinados limites, podendo ter forma contínua ou descontínua.
- LF – A LINHA como PERFIL é uma sequência de símbolos concretos e contínuos que se traduzem em marcas fisionómicas.
- LD – A LINHA como NORMA é um percurso figurado, abstracção de linha como fronteira moral e social. Mais uma vez o processo metafórico cria uma linha imaginária e dá-lhe tal realidade que permite combiná-la com verbos do tipo *andar na linha* e *pôr-se na linha* como se esta fosse realmente um espaço físico concreto.
- LG – A LINHA como FORMA é uma sequência contínua de símbolos que se realizam em palavras.
- LE – A LINHA como PERCURSO INTELECTUAL é uma linha metafórica que simboliza uma sequência ramificada de imagens psíquicas. Trata-se, pois, de uma metáfora espacial que se desenvolve numa linha temporal. A sequência de pontos de linha toma a forma de uma sucessão contínua de imagens psíquicas.
- LJ – A LINHA como RAMIFICAÇÃO é uma sucessão de pontos em extensão que pode ser quebrada interrompida por com outras linhas.
- LI – A LINHA como CONJUNTO ORDENADO DE OBJECTOS não se define em extensão mas como um conjunto sequencial de unidades com forma descontínua que obedece às mesmas normas de construção, designa espécie ou tipo.

Toda a estruturação da categoria linha se baseia no contínuo recurso à figura da metáfora, pois se é verdade que pelo menos uma propriedade liga as diferentes sub-categorias de linha, não é menos verdade que as sub-categorias A e I não têm nada de comum em termos referenciais. Como refere E. Sweetser (91) (...); *Metaphor is a major structuring force in semantic change. Metaphor operates between domains.*

A teoria do protótipo alargada com o contributo das parecenças de família permite descrever a polissemia de uma palavra – uma categoria – que representa uma multiplicidade de referentes.

Referências

- CARAMAZZA, A. e Ellen GROBER (1976). Polysmy and the Structure of the Subjective lexicon in *Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics 1976 Semantics: Theory and Application* Washington: ed. Elca Rauch, pp. 181-206.
- COLEMAN, Linda e Paul KAY, (1981). Prototype Semantics: The english word LIE, in *Language*, vol. 57, nº 1, pp. 26-44.
- GREERAERTS, Dirk (?). *The Lexicographical treatment of prototypical polysemy*. Chapter 8. in *Recolha de Textos para Semântica Cognitiva*. Vol. 1.
- KLEIBER, George (1990). *La sémantique du prototype*. Paris: Presses Universitaires de France.
- LAKOFF, George (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press, pp. 12-57.
- LIMA, J. Pinto de (1989). *Significado avaliativo. Para uma classificação à Luz de uma semântica prática*. Lisboa: Dissertação do Doutoramento em Linguística Geral.
- LIMA, J. Pinto de (?). *Explorando o conceito de paradigma (Protótipo) em Semântica Lexical: Relato de uma Experiência*: Documento policopiado.
- ROSS, J. F. (1981). *Portraying analogy*. Cambridge University Press, pp. 1-16 e 87-120.
- SWEETSER, Eve (1987). The Definition of Lie: An Examination of the Folk Models Underlying a Semantic Prototype, in *Holand/Quinn (eds.)*, pp. 43-66.

- SWEETSER, Eve E. (1991). From Etymology to Pragmatics. *Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge University Press.
- TAYLOR, John R. (1991). *Linguistic Categorization Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Charendon Press. Prefácio e capt. 1 a 6.
- WIERZBICKA, Anna (1985). *Lexicography and Conceptual Analysis*. Ann Arbor: Karoma Publishers.
- WITTGENSTEIN, L. (1953) *Philosophical Investigations*. Brasil Blackwell, pp. 24-43.